

XXXVI

O ADVERSÁRIO INVISÍVEL

A frente do Senhor, nos arredores de Sídón, quatro dos discípulos, após viagem longa por diferentes caminhos, a serviço da Boa-Nova, relatavam os sucessos do dia, observados pelo Divino Amigo, em silêncio:

— Eu — dizia Pedro sob impressão forte —, fui surpreendido por quadro constrangedor. Impiedoso capataz batia, cruel, sobre o dorso nu de três mãos escravas, cujos filhinhos choravam, estarecidos. Um pensamento imperioso de auxílio dominou-me. Quis correr, sem detença, e, em nome da Boa-Nova, socorrer aquelas mulheres desamparadas. Certo, não entraria em luta corporal com o desalmado fiscal de serviço, mas poderia, com a súplica, ajudá-lo a raciocinar. Quantas vezes, um simples pedido que nasce do coração aplaca o furor da ira? O apóstolo fixou um gesto significativo e acenou:

— No entanto, tive receio de entrar na questão, que me pareceu intrincada... Que diria o perverso disciplinador? Minha intromissão poderia criar dificuldades até mesmo para nós...

Silenciando Pedro, falou Tiago, filho de Zebedeu:

— No trilho de vinda para cá, fui interpelado por jovem mulher com uma criança ao colo. Arrastava-se quase, deixando perceber profundo abatimento... Pediu-me socorro em voz pungente e, francamente, muito me condoi da infeliz, que se declarava infortunada viúva dum vinhateiro. Sem dúvida, era dolorosa a posição em que se colocara

e, num movimento instintivo de solidariedade, ia oferecer-lhe o braço amigo e fraterno, para que se apoiasse; mas, recordei, de súbito, que não longe dali estava uma colônia de trabalho ativo...

O companheiro interrompeu-se, um tanto desapontado, e prosseguiu:

— E se alguém me visse em companhia de semelhante mulher? Poderiam dizer que ensino os princípios da Boa-Nova e, ao mesmo tempo, sou motivo de escândalo. A opinião do mundo é descaída...

Outro aprendiz adiantou-se.

Era Bartolomeu, que contou, espantado:

— Em minha jornada para cá, não me faltou desejo à sementeira do bem. Todavia, que querem? Apenas lobriguei conhecido ladrão. Vi-o a gemer sob duas figueiras farfalhudas, durante longos minutos, no transcurso dos quais me inclinei a prestar-lhe assistência rápida... Pareceu-me ferido no peito, em razão do sangue a porejar-lhe da túnica; mas tive receio de inesperada incursão das autoridades pelo sítio e fugi... Se me pilhassem, ao lado dele, que seria de mim?

Calando-se Bartolomeu, falou Filipe:

— Comigo, os acontecimentos foram diversos... Quase ao chegar a Sídón, fui cercado por uma assembleia de trinta pessoas, rogando conselhos sobre a senda de perfeição. Desejavam ser instruídas quanto às novas ideias do Reino de Deus e dirigiam-se a mim, ansiosamente. Contemplavam-me, simples e confiantes; todavia, ponderei as minhas próprias imperfeições e senti escrúpulos... Vendo-me roído de tantos pecados e escabrosos defeitos, julguei mais prudente evitar a crítica dos outros. A ironia é um chicote inconsciente. Por isso, emudeci e aqui estou.

Continuava Jesus silencioso, mas Simão Pedro caminhou para ele e indagou:

— Mestre, que dizes? Desejamos efetivamente praticar o bem, mas como agir dentro das normas

de amor que nos traças, se nos achamos, em toda parte do mundo, rodeados de inimigos?

O Amigo Celeste, porém, considerou, breve:

— Pedro, todos os fracassos do dia constituem a resultante da ação de um só adversário que muitos acalentam. Esse adversário invisível é o medo. Tiveste medo da opinião dos outros, Tiago sentiu medo da reprovação alheia, Bartolomeu asilou o medo da perseguição e Filipe guardou o medo da crítica...

Aflito, o pescador de Cafarnaum interrogou:

— Senhor, como nos livraremos de semelhante inimigo?

O Mestre sorriu compassivo e respondeu:

— Quando o tempo e a dor difundirem, entre os homens, a legítima compreensão da vida e o verdadeiro amor ao próximo, ninguém mais temerá. Em seguida, talvez porque o silêncio pesasse em excesso, afastou-se, sozinho, na direção do mar.

XXXVII

NATAL SIMBÓLICO

Harmonias cariciosas atravessavam a paisagem, quando o lúcido mensageiro continuou:

— Cada Espírito é um mundo onde o Cristo deve nascer...

Fora loucura esperar a reforma do mundo, sem o homem reformado. Jamais conheceremos povos cristãos, sem edificarmos a alma cristã...

Eis porque o Natal do Senhor se reveste de profunda importância para cada um de nós em particular.

Temos conosco oceanos de bênçãos divinas, maravilhosos continentes de possibilidades, florestas de sentimentos por educar, desertos de ignorância por corrigir, inumeráveis tribos de pensamentos que nos povoam a infinita extensão do mundo interior. De quando em quando, tempestades renovadoras varrem-nos o íntimo, furacões implacáveis atingem nossos ídolos mentirosos.

Quantas vezes, o interesse egoístico foi o nosso perverso inspirador?

Examinando a movimentação de nossas ideias próprias, verificamos que todo princípio nobre serviu de precursor ao conhecimento inicial do Cristo.

Verificou-se a vinda de Jesus numa época de recenseamento.

Alcançamos a transformação essencial justamente em fase de contas espirituais com a nossa própria consciência, seja pela dor ou pela maturidade de raciocínio.

Não havia lugar para o Senhor.

Nunca possuímos espaço mental para a inspiração divina, absorvidos de ansiedades do coração ou limitados pela ignorância.